

BREVE PROBLEMATIZAÇÃO A RESPEITO DA SITUAÇÃO DOS ÍNDIOS LGBTQ NO BRASIL EM CONTRAPONTO AO MOVIMENTO “TWO-SPIRIT”

Autores: FILIPE SOARES;

Introdução

Durante o II Seminário de Ciências da Religião e VII Seminário do PET-CRE, realizados de 11 a 14 de setembro do corrente ano, na mesa intitulada Agência, religiosidade e territorialidade em multiversos indígenas, após a fala de um dos três professores que a compunham, foi instigada a reflexão sobre a [sub]existência de LGBTQ's nas aldeias indígenas, sobretudo pela ausência de falas sobre esse assunto na mesa supracitada.

A verdade, porém, é que essa questão existe. Índios LGBTQ são vítimas de dupla discriminação: a homofobia e o racismo. Eles não são aceitos entre os índios por sua orientação sexual, nem entre os urbanos por serem indígenas. É por esse motivo, que se faz imperativo o estudo nessa área. Jovens índios, na descoberta de sua sexualidade, estão sendo podados, oprimidos, rechaçados, rejeitados e, até mortos (como veremos à frente) simplesmente por nascerem diferentes. Pior que o sofrimento externo, é a dor interna desses LGBTQ que não se encontram nem entre os seus, nem entre os demais: são uma minoria dentro de duas minorias e rejeitados por ambas.

Sendo assim, esse estudo inicialmente fez uma revisão de literatura com análise crítico-reflexiva a respeito das diversas vertentes da sexualidade presentes entre os índios, antes, durante e depois da colonização. Desse modo, intentamos descobrir mais sobre como os índios se relacionam com as sexualidades de minoria e quais os motivos (influência do colonizador, tradição, religião, etc.) estão pautando essa relação.

Os principais autores escolhidos para essa revisão bibliográfica foram Estevão Rafael Fernandes, por seu trabalho a respeito do ativismo indígena norte-americano “two-spirit” em contraponto com a ausência de ativismo indígena LGBTQ no Brasil, e Luiz Mott, que retratou a homossexualidade indígena pré-colonial, durante a colonização e na atualidade. Por fim, trazendo uma ótima descrição da primeira morte por homofobia em solo brasileiro, o autor André Bernardo, por seu artigo *Índios gays: Amor e ódio na colônia*.

Faz-se necessário salientar das implicações (e complicações) advindas do uso do termo “homossexualidade” ao se referir genericamente às diversas práticas não heterossexuais encontradas em etnias no país. Age-se assim a exemplo de Fernandes que diz: “parte considerável das fontes (que ele usou) é constituída por cronistas, missionários, viajantes e fontes (históricas ou antropológicas), que utilizam termos bastante genéricos como ‘sodomia’, ‘pecado nefando’ e ‘pederastia’, sem fazerem maiores distinções a práticas bissexuais, homossexuais, intersexuais, transexuais, entre outras.” (FERNANDES, 2015, p. 16). O autor também justifica esse uso genérico porque “parte das críticas de teóricos e ativistas two-spirit (ativismo indígena LGBTQ norte-americano) à Antropologia reside justamente nessa perspectiva analítica que particulariza tais práticas em suas etnias”. Dessa forma, seguindo a percepção two-spirit de uma identidade pan-indígena que transcende especificidades, direciona-se o olhar para esse conjunto de fenômenos enquanto algo ligado ao universo espiritual indígena, reprimido ao longo do processo de colonização.

Material e métodos

O desenvolvimento desse projeto conta com três etapas: busca por literatura, análise da literatura, escrita final do artigo. Na primeira, fez-se a parte do levantamento bibliográfico e da seleção de artigos. De posse de vasta literatura, passou-se à análise de cada artigo. Uma leitura prévia de cada um fez com que fossem separados em dois grupos: um a serem descartados e outro de artigos que foram usados na produção desse estudo.

Resultados e discussão

Foram escolhidos sete artigos a serem trabalhados. Todos em português. Desses artigos, dois eram de revisão de literatura, três se dedicavam à descrição de uma pesquisa de campo e outros dois eram reportagens a respeito do assunto de interesse desse estudo. A partir da análise desses dados, chegou-se às seguintes considerações:

Para entendermos melhor como foi, ou o que se passava com os índios antes da colonização, Luiz Mott (2011) afirma que, ao se estudar as práticas homossexuais daquela época, temos à nossa disposição basicamente de três fontes: “esculturas e cerâmicas representando cenas homoeróticas” que a arqueologia nos ajuda a recuperar; alguns “mitos conservados na memória oral dos nativos e registrados nos manuscritos nos tradicionais”; e, por fim, os “relatos dos primeiros cronistas que entraram em contato com os ameríndios” (MOTT, 2011).

Segundo Mott, várias peças de escultura em ouro e barro, mostrando com clareza de entalhes relações homossexuais entre dois homens e/ou duas mulheres, foram encontradas pelos espanhóis na América Central e do Sul, desde as Bahamas até os Andes. Outras fontes, onde puderam comprovar a existência de homoerotismo naquele tempo, foi a “coleção dos célebres Códices Maias - obras El Chilán Balam, El Popol Buj (Livro del Consejo) e as Profecias Maias - obras pictográfica-hieroglíficas que tratam da história mitológica e costumes desta civilização” (MOTT, 2011). E, para além de todos esses achados, temos ainda os relatos enviados à Europa, como os de Gonzalo Fernandes de Ovideo, Francisco Lopes de Gomara, Fernan Cortez, dentre outros.

Na América do Norte, a associação Gay American Indian (anterior ao movimento two-spirit), primeira do gênero nos Estados Unidos, tem como agenda de lutas do movimento o seguinte: a dupla discriminação (racismo e homofobia), a falta de atenção/negligência por parte do governo, a luta contra a AIDS, visibilidade. A partir disso podemos depreender aspectos da identidade que criaram. Além de líderes de seus povos, buscavam melhores condições para os seus. Esse poder político tribal remonta tempos anteriores à colonização:

Pessoas two-spirit têm uma longa história entre os povos indígenas no Canadá. Antes do primeiro contato com colonizadores Europeus, a maioria dos povos indígenas reconhecia a importância dos indivíduos two-spirit e a responsabilidade especial concedida a eles pelo Criador. Às vezes eram videntes, curandeiros ou líderes em suas comunidades. [...] Apesar disso, o impacto da colonização tem tido longa duração: suprimindo as tradições e papéis two-spirit e deixando gerações de pessoas two-spirit sofrendo de várias formas de discriminação e estigma (FERNANDES, 2015).

Esse potencial para a esfera espiritual e religiosidade indígena norte-americana foi como um “combustível” para alavancar ao movimento “two-spirit” (aquele(a) que tem dois espíritos) e dar-lhes voz. Segundo Fernandes, na década de 80, surgiram diversas organizações two-spirit, que foram tomando força e, com o tempo, os two-spirit passaram a rejeitar qualquer outra denominação à sua sexualidade; uma atitude politicamente muito importante. Assumir-se como dois espíritos não apenas tirava o foco das práticas sexuais e focava no papel espiritual da pessoa, como também significa uma crítica ao processo de colonização: “parte considerável dos escritos produzidos por autores e ativistas two-spirit se assenta na análise e crítica aos processos de colonização que os estigmatizaram.” (FERNANDES, 2016)

Nesse cenário, Estevão Rafael Fernandes, em *Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte*, tece paralelos entre a forma que nossos índios veem/lidam com a homossexualidade e a forma com que os índios norte-americanos o fazem. Estevão diz que as diferenças extrapolam termos como o da mobilização do movimento indígena em torno de demandas específicas. Enquanto aqui os Tikuna, os Guarani, os Krahó e outros povos indígenas do Brasil, são descritos como percebendo a homossexualidade como algo indigno, os representantes homossexuais indígenas norte-americanos fazem questão de salientar seu papel de “líderes tradicionais em suas culturas”, diz o autor. “Mais que isso: enquanto no Brasil a homossexualidade indígena é apresentada como sendo vista pelos indígenas enquanto ‘perda cultural’, os povos indígenas norte-americanos a teriam em conta, como veremos, de marcador de autodeterminação e estratégia de combate ao discurso colonizador” (FERNANDES, 2015).

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

A hipótese preliminar de Fernandes (2015) é a de que as práticas sexuais homo/bi/trans/inter/etc. passam a ser vistas como “perda”, pois o que as torna visíveis é, basicamente, o mesmo processo que as reprime e estigmatiza – isto é, a ação colonial, implementada por seus vários agentes. Segundo ele, quando essas práticas passam a existir enquanto “pecado nefando”, “pederastia”, “sodomia” ou “homossexualidade” (ou seja, a visão do não-índio), é porque o poder colonial já buscou se apossar dos corpos nativos, estigmatizando-os e buscando transformá-los em algo que se adeque à lógica colonial, cristã, europeia, moderna, monogâmica, domesticada e heteronormativa. Em outras palavras, a homossexualidade, em toda a sua universalidade, não veio com o contato do colonizado com o colonizador, mas foi através desse contato que essa homossexualidade começou a ser percebida como algo “nefando” e pervertido, aos olhos do colonizado (FERNANDES, 2015, p. 17).



Como uma possível estratégia a se pensar, no tocante à construção de identidade dos índios gays brasileiros, Fernandes idealiza recuperarmos uma identificação estigmatizada pela discriminação social. Ele diz que esse não é um processo pessoal ou social simples, isento de conflitos existenciais, nem se trata de um romantismo nostálgico, do qual só se esperam resultados gratificantes. Entretanto, trata-se da adoção deliberada de uma condição tradicionalmente subalterna, à qual se pretende imprimir uma nova dignidade. Segundo ele, essa ação pressupõe uma atitude contestatória e de desafio diante da sociedade majoritária em que se gestou o preconceito, além de envolver uma capacidade de simbolização compartilhada, por meio da qual antigos símbolos se ressignificam e adquirem o papel de emblemas que são assumidos por uma coletividade a qual encontra neles a possibilidade de construir novos sentidos para a existência individual e coletiva. (Fernandes 2015)

Dessa forma, a resposta criativa, dada pelo movimento two-spirit norte-americano, na criação dessa identidade, foi voltar-se para dentro de si mesmo. Segundo Fernandes, o ponto-chave seria reinventar uma etnogênese, ou a [re]invenção de uma identidade pan-índigena para além de categorias como homossexual e indígena, e superando dicotomias como macho x fêmea, secular x sagrado e indivíduo x coletividade.

Resta, portanto, articular e promover o conhecimento, permitir que os índios LGBTQ conheçam suas origens, percebendo que eles não são inferiores por causa de sua sexualidade e/ou identidade. Verdade mesmo é que, talvez, essa juventude indígena LGBTQ seja exatamente aquela que trará maior visibilidade e ganhos para ambas as causas: índios e LGBTQ's. Para finalizar, fiquemos com a fala de Luiz Mott que nos inspira ao dizer assim: "...no Brasil, em 73 Municípios e em três estados da Federação, as constituições locais proibem expressamente qualquer discriminação baseada na orientação sexual. Ontem, era crime ser homossexual. Hoje o crime é discriminar o homossexual." (MOTT, 2011).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que me inspirou. Ao meu amigo e professor Dr. Heiberle Hirsberg Horácio pela orientação nos trabalhos ligados ao PIBID. À minha amiga e professora Dr. Ângela Cristina Borges, pelas orientações nos trabalhos do PET-CRE. À minha amiga e colega Elen Sabrina, pela paciência e, muito mais que isso, pelo incentivo que me dá a todo instante, que me faz continuar e cumprir certos prazos.

Referências bibliográficas

BERNARDO, André. *Índios gays: Amor e ódio na colônia*. Aventuras na História, 2017. Disponível em <http://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/terra-brasilis/indios-gays-amor-e-odio-na-colonia.phtml#.WcjtzPmGPIV>. Acesso em 25/09/2017.

FERNANDES, Estevão Rafael. *Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte*. Dados: Rio de Janeiro, 2015. Vol.58. No.1. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582015000100257&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 25/09/2017.

FERNANDES, Estevão Rafael. *Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos*. Capítulo 01. UNB: Brasília, 2015. P. 13 a 64. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19269>. Acesso em 25/09/2017.

FERNANDES, Estevão Rafael. *Homossexualidade indígena no Brasil: desafios de uma pesquisa*. Novos Debates: Brasília, 2016. Vol.2. No.2. Disponível em <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numero-atual/114-v1-n2/novas-pesquisas/119-homossexualidade-indigena-no-brasil>. Acesso em 25/09/2017.

MOTT, Luiz. *Etno-história da homossexualidade na América Latina*. 2011. Disponível em http://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/04.-Luiz_Mott.pdf. Acesso em 25/09/2017.

SANCHES, Mariana. *Relações homoafetivas entre índios eram comuns antes da colonização*: Pesquisa feita por dois antropólogos brasileiros diz que homofobia só chegou com o homem branco. O Globo, 20017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/relacoes-homoafetivas-entre-indios-eram-comuns-antes-da-colonizacao-21541630#ixzz4tgwuGQdV>. Acesso em 25/09/2017.

VINHAL, Gabriela. *A cada 25 horas, uma pessoa LGBT é assassinada no Brasil, aponta ONG*. Correio Braziliense, 2017. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2017/05/17/intermas_polbraeco,595532/a-cada-25-horas-uma-pessoa-lgbt-e-assassinada-no-brasil.shtml. Acesso em 25/09/2017.